

— SEMANA DO —  
**ECONOMISTA**

TEMA

**SAÍDAS PARA A CRISE ECONÔMICA DO BRASIL**

# Confraternização e debates marcam Semana do Economista

Confraternização, debates e propostas para enfrentar a crise econômica que atingi o Brasil e o mundo. Esta foi a tônica da Semana do Economista, encontro ocorrido nos dias 11 e 12 de agosto, no Hotel Sotero, em Salvador, que reuniu mais de 200 pessoas, entre profissionais, professores e estudantes de Economia. O evento foi promovido pelo Conselho Regional de Economia-Bahia (Corecon-BA).

“Foi muito bom! Acho que cumprimos o papel do Corecon, estimulando o debate entre estudantes e profissionais das áreas afins, discutindo as conjunturas econômicas e as possíveis saídas para a crise”, afirmou o presidente do Conselho Regional de Economia-Bahia (Corecon-BA), Vitor Lopes.

Entre os muitos acadêmicos presentes, Pedro Argolo, estudante da Universidade Federal da Bahia (UFBA), destacou que “é importante esse tipo de encontro porque, de certa forma, discute diferentes propostas para sair desses momentos difíceis”.

Também participante do evento, a estudante de Economia Luana Maria Costa Andrade destacou a importância da profissão que está abraçando. “A gente tem sim que consagrar o economista, sobretudo no momento que se debate a questão da crise e os próximos passos que o país dará”, afirmou.

Os participantes da Semana do Economista tiveram a oportunidade de assistir palestras de acadêmicos e profissionais renomados da área, a exemplo de André Biancarelli, professor do Instituto de Economia da Unicamp e diretor-executivo do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica; André Perfeito (PUC-SP), especialista em Econometria pela FIPE; **Oswaldo Guerra**, doutor em Economia pela UNICAMP; e Rosembergue Valverde, doutor em Economia e diplôme D'Etudes Approfondies pela Université de Paris XIII.

Durante o evento, foram homenageados os economistas Oswaldo Guerra e Virgílio Pacheco (*in memoriam*), que receberam a comenda de Economista Destaque 2016. Também integrou a programação a Gincana Baiana de Economia e o Prêmio de Monografias Jairo Simões. Os estudantes premiados foram: **Igor Henrique Souza Carvalho, Henrique Zardo Motté, David de Carvalho Ribeiro Costa, Luana Maria Costa Andrade, Fabiana Bastos Correia, Nathan Fontes Tanuri Meirelles, Adrielli Santos de Santana, Marcelo de Oliveira Lima e Ernâni Bernardino Alves de Sena**. “O Corecon espera realizar mais um grande encontro em 2017. Vamos buscar aglutinar ainda mais colegas e estudantes”, concluiu Vitor Lopes.



“Foi muito bom! Acho que cumprimos o papel do Corecon, estimulando o debate entre estudantes e profissionais das áreas afins, discutindo as conjunturas econômicas e as possíveis saídas para a crise”.

***Vítor Lopes - presidente do CORECON-BA***



*Economistas Oswaldo Guerra e Virgílio Pacheco (in memoriam) receberam a comenda de Economista Destaque 2016.*

*A Gincana Baiana de Economia e o Prêmio de Monografias Jairo Simões buscou incentivar os acadêmicos de Economia. Este ano os vencedores do concurso foram os estudantes Igor Henrique Souza Carvalho, Henrique Zardo Motté, David de Carvalho Ribeiro Costa e Luana Maria Costa Andrade.*





— SEMANA DO —  
**ECONOMISTA**







**Marcelo dos Santos**  
economista e conselheiro  
do Corecon-BA.

Entre os temas debatidos na Semana do Economista, a questão do gasto público foi um dos mais polêmicos. Neste quesito, o conselheiro Marcelo dos Santos aponta como um paradoxo o fato de o atual Governo Federal aprovar no Congresso Nacional o teto de R\$ 170 bilhões para o aumento desses gastos. **"A saída não é essa. Você não tem que escolher o tamanho do Estado. O tamanho da economia é o que vai lhe dizer a necessidade do tamanho do Estado"**, avaliou o conselheiro.

Conforme Marcelo dos Santos, o Brasil é um país rico e tem plenas condições de superar as dificuldades que atravessa no momento. No entanto, o economista acredita que a saída antes da economia é a política. Neste sentido, ele pontuou: "existem interesses por trás disso, que é entregar, por exemplo, o pré-sal à economia internacional, entregaram de graça. Estamos dando um cheque em branco", alertou.



## ***Palestrantes discutiram conjuntura e possíveis perspectivas para o Brasil***

Quais as possíveis saídas para o Brasil neste momento de crise? Como o país pode retomar seu crescimento econômico? As medidas adotadas pelo atual governo estão corretas? Estes foram alguns dos problemas debatidos durante os dois dias do encontro, quando os participantes foram contemplados com diversos pontos de vistas e opiniões. As variadas linhas de argumentação dos expositores enriqueceram o debate e propiciaram aos presentes uma ampla visão da atual situação da economia brasileira.

“Este é o momento mais difícil da vida econômica e política do Brasil nas últimas três décadas”, afirmou André Biancarelli, professor do Instituto de Economia da Unicamp e um dos palestrantes da primeira noite do evento. Entre os temas comentados pelo professor, a questão fiscal foi um deles.

Na opinião de Biancarelli, a política fiscal posta em prática pelo atual governo é bastante contraditória em relação às críticas que este mesmo grupo fazia à gestão anterior. “Este governo veio prometendo ajuste fiscal e esta fazendo um desajuste muito pior do que o anterior. E, pior, uma expansão de gastos da pior qualidade possível”, alfinetou o professor.

*“Este governo veio prometendo ajuste fiscal e está fazendo um desajuste muito pior do que o anterior”.*

***André Biancarelli***

Quem também palestrou na Semana do Economista foi o professor Rosembergue Valverde, titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs). O acadêmico entende que o Brasil tem condições de superar os entraves econômicos. "Vai ser muito dolorido, muito demorado pra sairmos dessa crise, mas nós vamos conseguir retomar o crescimento econômico", sustenta, otimista, Rosembergue Valverde, que também comentou sobre o sistema tributário do país. Segundo ele, este é um dos problemas mais graves, uma distorção, na opinião do professor, que precisa ser corrigida. "Nós temos um dos sistemas tributários mais injustos que existem no mundo. Quem paga imposto na sociedade brasileira são os pobres e os menos favorecidos", assegura Valverde.



*"Nós temos um dos sistemas tributários mais injustos que existem no mundo. Quem paga imposto na sociedade brasileira são os pobres e os menos favorecidos".*

**Rosembergue Valverde**

A photograph of Oswaldo Guerra, a man with grey hair and glasses, wearing a white shirt, sitting at a table and speaking into a microphone. He is gesturing with his hands. Another man in a dark suit is partially visible in the background. The setting appears to be a formal meeting or conference.

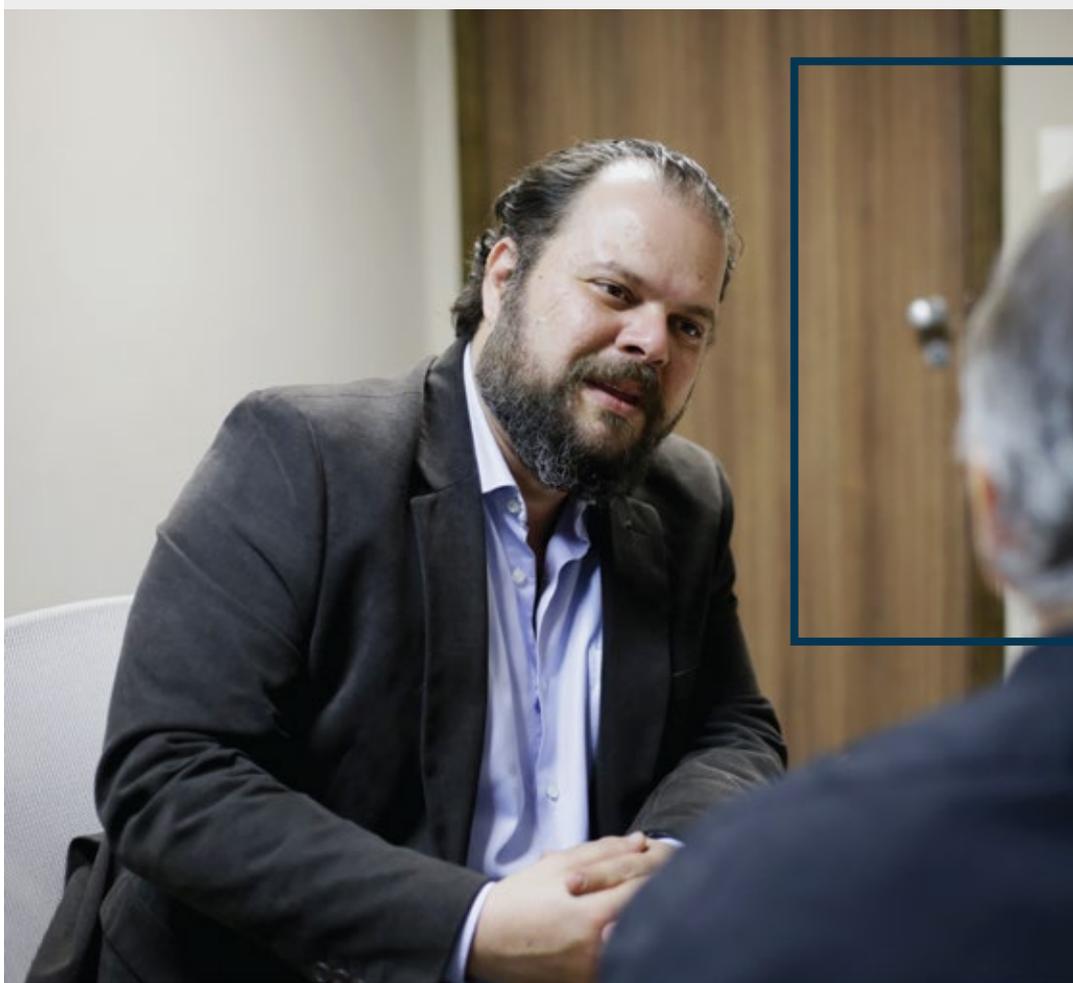
*“Neste momento o mercado está dando um tempo. Mais à frente cobrará do Governo Federal as reformas da Previdência, a trabalhista e a tributária”.*

**Oswaldo Guerra**

Doutor em Economia pela Universidade de Campinas (Unicamp) e professor associado da Faculdade de Economia da UFBA, Oswaldo Guerra argumenta que as medidas que vêm sendo tomadas pelo Governo Federal envolvem duas frentes: medidas emergenciais e medidas estruturais. Conforme o professor, as primeiras medidas visam atacar inicialmente a questão do déficit público. “Tentarão um ajuste fiscal, mas com extremo cuidado”.

Oswaldo sustenta que neste primeiro momento o governo busca não se indispor com o conjunto do funcionalismo, garantindo reajustes de salários a algumas categorias, a exemplo do Judiciário. Passadas as eleições, o acadêmico afirma que o Executivo Federal adotará medidas estruturais. “Neste momento o mercado está dando um tempo. Mas à frente cobrará as reformas da Previdência, a trabalhista e a tributária”, assegura Guerra, para quem este pacote de medidas atende às demandas das classes empresariais que dão sustentação a governo de Michel Temer.

No entanto, o acadêmico assegura que não será fácil fazer estas reformas para atender ao mercado. “Mexem com temas muito sensíveis. Fixar a idade mínima para aposentadoria, a relação trabalhista, que é o negociado sobrepor à CLT no que está legislado, e a fixação de um teto de gastos por parte do Estado”, explica Guerra, para quem estes pacotes de medidas deverão encontrar uma oposição ferrenha do PT e outros partidos de esquerda, “e não sei se interessa ao PSDB um governo muito exitoso de Temer. É problemático”, conclui.



*“A gente vive num país que o quinto maior peso é a empregada doméstica. E a tradicional classe média começou a ver a renda real cair e isso gerou certa turbulência, que não teve como ser organizada pela política”.*

**André Perfeito**

A origem econômica da crise política foi o tema da exposição de André Perfeito. Especialista em Econometria pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), Perfeito acredita que, embora o esgarçamento do modelo de presidencialismo de coalizção tenha contribuído para o atual quadro, fatores de ordem estritamente econômica são determinantes para explicar a crise política.

“Desde que a gente criou o Plano Real, as taxas de juros têm sido jogadas para baixo. E elas caíram muito rapidamente. Em 2005 as taxas estavam em torno de 12% e em 2012 estavam em 1,4%. Isso implica dizer que ganhar dinheiro no Brasil ficou mais difícil”, argumenta Perfeito. Neste caso, para ele, as pessoas não quiseram sair das suas zonas de conforto para investir. Situação que, na sua opinião, não foi bem absorvida pelo tecido econômico. “Ficou difícil para os antigos negócios”, arremata.

Num outro ângulo de observação, o economista analisa que a elevação da renda de milhões de pessoas no Brasil - fenômeno que passou a ser entendido por alguns analistas como a criação de uma nova classe C - trouxe um custo para uma parcela da população. André Perfeito exemplifica: “A gente vive num país que o quinto maior peso é a empregada doméstica. E a tradicional classe média começou a ver a renda real cair e isso gerou certa turbulência, que não teve como ser organizada pela política”.

Neste sentido, o economista é categórico em afirmar que a gestão da presidenta Dilma Rousseff, na sua opinião, foi inábil para dialogar com diversos setores da sociedade, “a exemplo da Febraban, quando em 2011 começou a cortar a taxa Selic, que chegou ao seu menor patamar na história em 2012, em 7,25%”, explica o economista, o que, para ele, gerou descontentamento no setor financeiro levando ao acirramento da crise política.



*“O profissional de Economia é aquele que embora nem sempre traga boas notícias à sociedade, é um agente importante para ajudar a diagnosticar corretamente os problemas que nós vivemos”.*

**Luiz Raimundo Gavazza**

“O profissional de Economia é aquele quem embora nem sempre traga boas notícias à sociedade, é um agente importante para ajudar a diagnosticar corretamente os problemas que nós vivemos”, afirmou o economista e também diretor-presidente da Bahiagás, Luiz Raimundo Gavazza, que é conselheiro do Corecon-BA e também esteve presente nos trabalhos da Semana do Economista.

À frente da estatal baiana do setor energético, Gavazza entende que os economistas têm a missão de formular propostas para os impasses que o Brasil atravessa. “O Corecon cumpre o seu papel de reunir algumas das cabeças pensantes de importantes universidades da Bahia e do país para propor encaminhamentos que busquem superar a crise econômica”, afirma o executivo.

No que diz respeito à sua área de atuação, Gavazza se mostrou preocupado com os encaminhamentos que estão sendo dados na esfera federal à condução da política energética. “É preciso serenidade e prudência. As jazidas de gás natural e petróleo são um patrimônio do povo brasileiro”, alertou o economista.



O Sistema Cofecon/Corecon tem 42 mil economistas registrados. Na Bahia, aproximadamente 5 mil. Na opinião de Vitor Lopes, presidente do Corecon-BA, os economistas conformam uma categoria com amplas possibilidades de inserção no mercado. “Pela formação eclética e multifacetada que estes profissionais têm, eles angariam amplas condições de se inserir numa sociedade cada vez mais complexa, buscando soluções mais sistêmicas”, assegura Vitor Lopes.

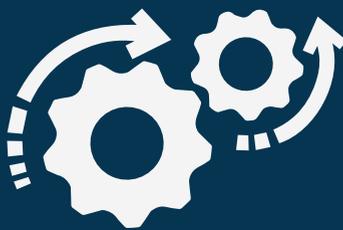
Neste sentido, Lopes acrescenta que o Conselho Federal e os estaduais têm atuado para delimitar o exercício profissional do economista na sociedade, uma vez que a práxis da categoria estabelece algumas interfaces com outras ciências correlatas, a exemplo da Administração e Ciências Contábeis. “Se não se tem uma definição muito clara, a fiscalização da atuação profissional fica mais difícil”, alerta.

Entre as medidas que estão sendo tomadas, existe a tramitação do projeto de lei 658/2007 no Senado Federal, que amplia a regulamentação da profissão. “Mas enquanto este PL não for votado, nós estamos fiscalizando com os instrumentos legais que dispomos”, assegura o presidente do Corecon, para quem esta ação é necessária, afim de assegurar o campo de trabalho dos economistas.



*“Pela formação eclética e multifacetada que estes profissionais têm, eles angariam amplas condições de se inserir numa sociedade cada vez mais complexa, buscando soluções mais sistêmica”*

**Vítor Lopes**



— SEMANA DO —  
**ECONOMISTA**